

A Nova Geração: Relato de uma experiência contemporânea na Bauhaus de Gropius

The New Generation: A report on a contemporary experience at Gropius' Bauhaus

Larissa Nunes

{larirzn@gmail.com}

Resumo. As páginas que se seguem foram escritas a partir de experiência pessoal vivida entre outubro de 2014 e setembro de 2015, durante o primeiro ano do curso de pós-graduação COOP Design Research, na cidade de Dessau, Alemanha. Instalados em um estúdio privilegiado na Fundação Bauhaus, o grupo pioneiro foi celebrado como a nova geração de estudantes que veio para ocupar o edifício, desde o fechamento da escola, em 1933. Será esse o início de uma retomada histórica? Provavelmente não. A Bauhaus nunca voltará a ser a mesma que foi idealizada por Walter Gropius. Os tempos mudaram, outras direções foram tomadas. Porém, uma nova perspectiva está se abrindo. Ao proporcionar vivências menos efêmeras, o emblemático edifício poderá ganhar novas dimensões e inesperados significados.

Palavras-chave: pós-graduação, Bauhaus, experiência.

Abstract. *The following pages were written based on personal experience, between October 2014 and September 2015, during the first year of the COOP Design Research MSc. Program, in Dessau, Germany. Occupying a privileged studio at Bauhaus Foundation, the pioneering group was celebrated as the new students' generation to work at the building since it was definitely closed as a school, in 1933. Will this be the starting point of a historical return? It probably won't. Bauhaus will never be the same as the one idealized by Walter Gropius. Times have changed, other directions took place. However, a new perspective seems to be opening. Enabling less ephemeral relationships, the emblematic building might gain new dimensions and unexpected meanings.*

Key words: *Master program, Bauhaus, experience.*

Iniciação - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística
Edição Temática em Comunicação, Arquitetura e Design
Vol. 6 nº 2 – novembro, São Paulo: Centro Universitário Senac
ISSN 2179-474X

Portal da revista: <http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistainiciacao/>
E-mail: revistaic@sp.senac.br

Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-Não Comercial-SemDerivações 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/) 

A Nova Geração: Relato de uma experiência contemporânea na Bauhaus de Gropius

01 de outubro de 2014. Essa data marca o primeiro dia de aula do programa de pós-graduação COOP Design Research ministrado no interior do lendário edifício de Walter Gropius, pouco mais de oitenta anos depois do fechamento da escola vanguardista pelos oficiais nazistas. A importância daquele momento para os idealizadores do curso e para a história daquela instituição revolucionária foi registrada pelo jornal local. A reportagem, publicada na manhã seguinte, intitulada “Die neue Generation kommt” – “A nova geração chega” –, contou com uma entrevista à brasileira que integrava o grupo, *Frau Nunes*. O jovem jornalista da pacata cidade de Dessau parecia entusiasmado por entrevistar alguém de um continente tão longínquo e descobrir que, também no imaginário dos arquitetos e designers brasileiros, a Bauhaus é uma referência fundamental. Eu, por outro lado, estava extasiada com o fato de estar ali e com a variedade cultural que compúnhamos. Alemanha, Grécia, Índia, Paquistão, Montenegro, Tailândia, Espanha, Argentina, Colômbia, Brasil. Éramos treze pessoas provenientes de dez nacionalidades diferentes, com formações variando entre comunicação, história da arte e arquitetura, marcando o “retorno” daquele lugar à sua função original. Salvas as mudanças pedagógicas, ideológicas, e mesmo de uso, soava absolutamente mágico ter a chance de ocupar um de seus estúdios envidraçados e mergulhar, de maneira única, na história daquele lugar. Não tínhamos certeza alguma: começava ali um projeto experimental do qual faríamos parte.

Figuras 1 e 2. Jornal local divulgando o início do curso de pós-graduação na Bauhaus.



Willkommen in Dessau. Für ein Jahr werden diese jungen Menschen am Bauhaus studieren.

FOTO: SEBASTIAN

Fonte: Acervo dos alunos do programa COOP Design Research 2014.

O programa era dividido em três blocos temáticos – *Design as Research, Design as Education e Design as Projection* –, que, por sua vez, dividiam-se em três etapas: *Pre-Lab, Lab e Master Thesis*. A fase introdutória, com duração de cerca de quinze dias, teve como objetivo apresentar a Bauhaus a partir dos contextos histórico e ideológico que influenciaram a concepção de seu programa pedagógico, e rever toda a sua trajetória, desde o seu estabelecimento no edifício de Henry van de Velde, em Weimar, até os motivos que levaram Gropius a construir sua escola em Dessau, passando por seus diferentes diretores, seus mestres, seus experimentos e inovações, a propagação de suas idéias pelo mundo com as emigrações dos professores, e, finalmente, a transferência da escola para Berlim, em 1932, e seu fechamento, um ano mais tarde, em 1933. Fizemos excursões às cidades de Jena, Weimar e Halle – todas, de modo direto ou indireto, importantes na história da escola. Em Dessau, cidade que um dia abrigou importantes indústrias, visitamos o museu técnico do Hugo

Junkers, referência na fabricação de aviões no início do século XX, as casas-estúdio onde mentores como Paul Klee, László Moholy-Nagy e Wassily Kandinsky moraram, e o loteamento Törten, onde Walter Gropius liderou um experimento pioneiro de construção residencial para a classe trabalhadora, baseada no processo industrial – estandardizando, simplificando e aprimorando materiais e procedimentos. Ao mesmo tempo, uma disciplina de teoria e métodos de pesquisa em design começava a esboçar o que aconteceria na segunda fase do programa.

Figuras 3 e 4. Aula externa – visita ao pátio do museu técnico Hugo Junkers, em Dessau.



Fonte: Acervo dos alunos do programa COOP Design Research 2014.

Figura 5. Chegada pela face oeste da Bauhaus. Vista do nosso estúdio no centro da imagem, no terceiro pavimento.



Fonte: Acervo dos alunos do programa COOP Design Research 2014.

Na fase do “laboratório”, os encontros de cada bloco temático e da disciplina de teoria e métodos visavam apresentar e discutir a evolução da pesquisa e da prática do
Iniciação - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística - Vol. 6 nº 2 - Novembro de 2016
Edição Temática em Comunicação, Arquitetura e design

design até os dias atuais, abordando inúmeras questões, como didáticas, metodologias, processos, ambientes de trabalho, interações com outras disciplinas, e discutindo as diferenças entre os problemas do designer e os do cientista – entre pesquisa científica e pesquisa em design. Conhecemos o arquivo da Bauhaus, que guarda desde os trabalhos dos antigos alunos até amostras de concreto e peças sanitárias das experiências construtivas, e colhemos dados qualitativos para entender as mudanças estruturais por que passaram os assentamentos Törten e Knarrberg entre o início da era comunista e a queda do muro. Passamos a ter aulas quinzenais de quatro horas com duas pesquisadoras da universidade Humboldt de Berlim, parceira do programa. Nossos encontros eram baseados na leitura e discussão de textos sociológicos e etnográficos, em relação com o design. Quinzenalmente, também passaram a acontecer visitas aos “clusters” da instituição berlinense na capital alemã, onde diferentes grupos de pesquisa se reuniam para trabalhar e onde passávamos o dia inteiro, conhecendo os projetos e contribuindo, através de debates baseados em leituras ou da execução de tarefas, com os trabalhos em andamento. Passamos a ter, ainda, duas vezes por mês e até o final do curso, palestras – as *Master Talks* – com profissionais diversos, relevantes a cada tópico, para nos inspirar e ajudar a encontrar um caminho para a nossa pesquisa, desenvolvida durante o semestre seguinte.

Figuras 6 e 7. Visita ao arquivo da Bauhaus, localizado no edifício de uma antiga cervejaria.



Fonte: Acervo dos alunos do programa COOP Design Research 2014.

Figura 8. Aula externa – visita ao loteamento Törten, na região sul de Dessau.



Fonte: Acervo dos alunos do programa COOP Design Research 2014.

O produto final de cada bloco e de cada etapa era uma apresentação em grupo. Tivemos a sorte de nos relacionar muito bem uns com os outros, de nos entendermos bem com os professores, e de conseguirmos – com algum esforço – nos expressar da maneira como gostaríamos. Mas foi sempre muito corrido, já que o tempo era curto e demandava um ritmo mais acelerado de assimilação e exposição do que havia sido apreendido semanalmente. Além disso, apesar de o conteúdo ter sido muito interessante e dos encontros muitas vezes terem superado as nossas expectativas, houve uma lacuna entre a magia que estava acontecendo ali e o início da nossa pesquisa. O segundo semestre começou, portanto, com muitas dúvidas. Da maneira como entramos, com nossas “proto-idéias” de projeto, continuávamos – mesmo depois daquela avalanche de informação recebida nos quatro meses iniciais. Entre fevereiro e abril de 2015, muitos de nós continuavam lutando para descobrir qual era a nossa “*research question*”. Outros, como eu, demoraram ainda mais tempo. O tema do curso era muito vago, dava possibilidades de pesquisa a perder de vista. Senti falta de limites, de direcionamento. Estava claro que aquele era um processo e não um curso pronto. Tanto nós como os professores estávamos aprendendo à medida que o tempo passava, com os erros e os acertos característicos de todo processo de *design*.

Figuras 9 e 10. Primeira apresentação do grupo, na fase Pre-Lab.



Fonte: Acervo do programa COOP Design Research 2014.

Figura 11. Última apresentação do grupo, na fase Lab. Exposição de todo o conteúdo e produção do primeiro semestre, montada no estúdio ao lado do nosso.



Fonte: Acervo dos alunos do programa COOP Design Research 2014.

Foi um ano muito intenso, repleto de contrastes. Entregamos e defendemos nossas dissertações, o curso foi acreditado e recebemos nossos certificados. Não saímos de lá nos sentindo prontos para um doutorado, nem peritos em pesquisa e escrita acadêmica, ou com vaga certa na Humboldt de Berlim. Também não ficamos plenamente satisfeitos com o programa e com alguns detalhes operacionais. Porém,

Iniciação - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística - Vol. 6 nº 2 - Novembro de 2016
Edição Temática em Comunicação, Arquitetura e design

sabemos de nossa participação intensa, ao lado dos professores, da construção desse curso tão celebrado entre as instituições parceiras, que deixou, sim, portas abertas para o futuro. Aprendemos na prática, ao longo do processo, nos aproximando de pessoas generosas, que dividiram conosco o seu conhecimento, os seus projetos, a sua vida. O mais importante, a meu ver, foi esse contato inesperado e profundo, a relação tão bonita que construímos como grupo, alunos e professores, dentro daquele edifício que inspira criatividade, movimento, curiosidade, experimentação. Fizemos parte da Bauhaus por um ano; vimos aquele edifício respirar – e respiramos com ele.

Figura 12. No estúdio.



Fonte: Acervo dos alunos do programa COOP Design Research 2014.

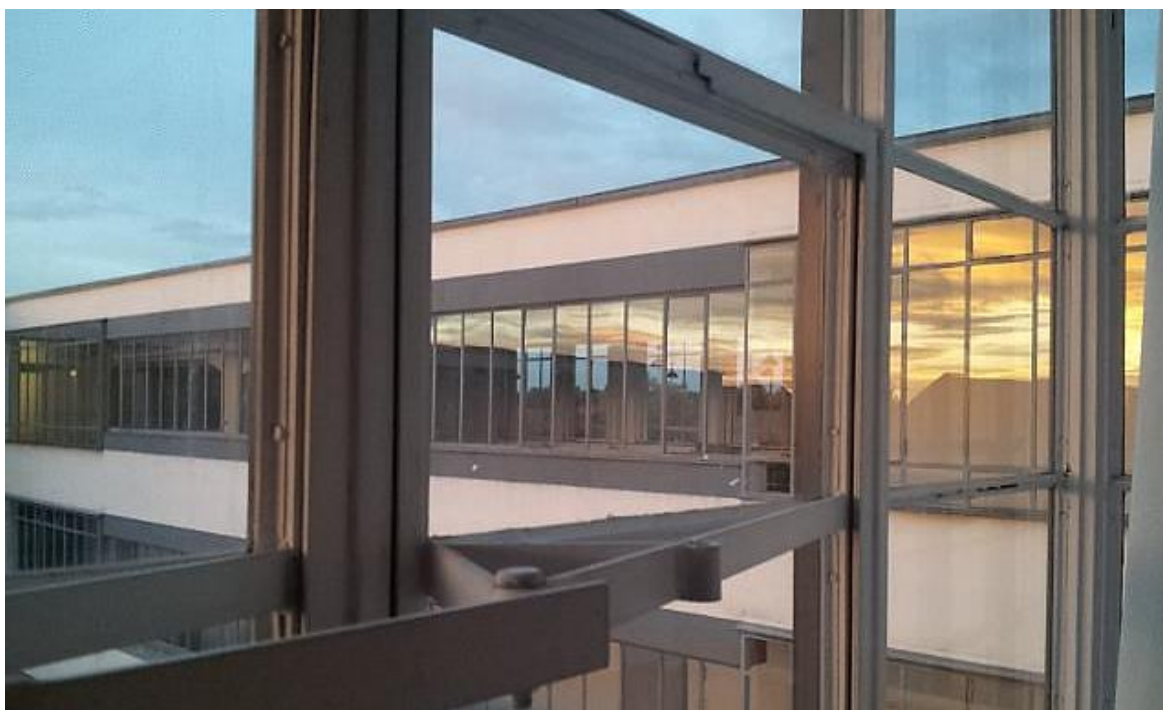
Fomos estudantes, figurantes, admiradores, peças em exibição. A Bauhaus virou nossa casa. Todas as noites em que estendíamos a nossa permanência no estúdio, atravessávamos o edifício inteiro para chegarmos à saída de emergência no subsolo. No horário de aula, fomos inúmeras vezes fotografados por turistas curiosos. Memorizamos o assobio que tocava a cada pessoa que entrava na exposição sobre os trabalhos dos estudantes da antiga escola, no andar de baixo. Estávamos lá quando Hannes Meyer foi homenageado e a festa vermelha tomou conta dos corredores, paredes, palco e cantina da Bauhaus, onde dançamos música dos Balcãs e tomamos *Soljanka*, sopa típica também no leste alemão. Vivenciamos o outono dourado em nosso estúdio, em cujas paredes o pôr-do-sol amarelo desenhava os caixilhos quadriculados. Testemunhamos, a partir de nossas mesas de trabalho, dias azuis e finais de tarde multicores, em que o céu era refletido nas fachadas. Festejamos em nossas estações de trabalho o cumprimento de cada etapa do curso, sempre com música, comes e bebes. No inverno, vimos a neve dançando no seu percurso até o chão. Mesmo com os aquecedores ligados, alguns de nós andavam enrolados em cobertores quando a temperatura caía.

Figuras 13 e 14. O estúdio durante o mês de outubro de 2014.



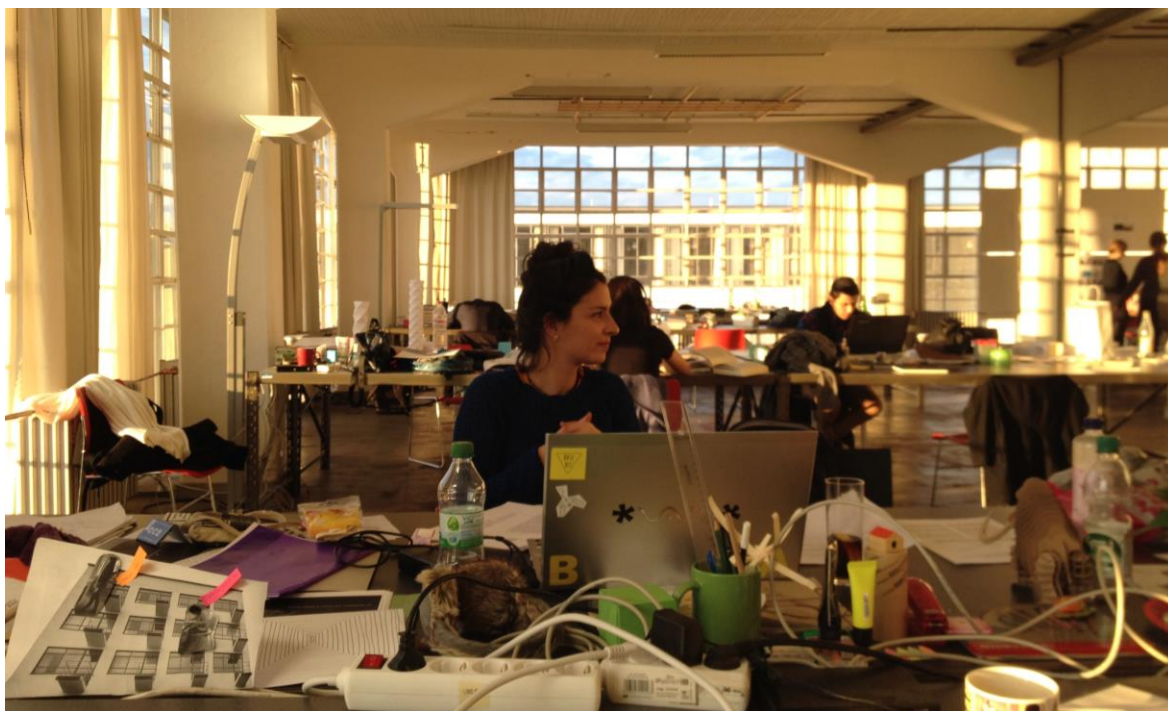
Fonte: Acervo dos alunos do programa COOP Design Research 2014.

Figura 15. A partir do estúdio, o céu refletido nos vitrais da Bauhaus.



Fonte: Acervo dos alunos do programa COOP Design Research 2014.

Figuras 16 e 17. O estúdio, entre final de dezembro e início de janeiro de 2015.



Fonte: Acervo dos alunos do programa COOP Design Research 2014.

Figuras 18 e 19. O inverno na Bauhaus.



Fonte: Acervo dos alunos do programa COOP Design Research 2014.

Em julho, no ápice do período mais quente e movimentado do ano, fomos transferidos para uma oficina no subsolo do bloco oposto, voltado para o edifício dos estudantes – o *Prellerhaus* – e ao lado da saída de emergência que já nos era familiar. A temperatura do novo estúdio era mais amena e a nova perspectiva que se abria através das janelas rentes ao chão nos proporcionava outra vivência do lugar. Sentados, víamos as pernas dos passantes mais próximos e as pessoas que vinham do centro de Dessau através da estação de trem. Sempre que um curioso percebia as janelinhas da nossa nova sala abertas, abaixava e nos espiava. Na maioria das vezes, eram as crianças pequenas, da altura dos vitrais, que paravam para nos observar. Passamos a participar mais diretamente do fluxo de pessoas e da rotina de atividades locais. Quando aconteciam shows no teatro, no famoso palco onde Oskar Schlemmer e seus alunos experimentavam os limites entre o corpo humano e a máquina, o som reverberava pelas paredes e extravasava pelas janelas. Ouvia-se, de dentro e de fora do edifício, quando alguém se sentava ao piano ou quando uma banda ensaiava. Gostávamos de algum movimento naquela cidade tão pacata. Mas o verão trouxe também para a nossa janela os cortadores de grama quinzenais, cujas máquinas barulhentas iam e vinham, aparando, em uma sucessão de linhas retas, o matagal que crescia incrivelmente rápido. Além deles, veio a “juventude dessauense”, que aproveitava o piso de concreto e a rampa da saída do subsolo para andar de skate, no meio da tarde, trazendo rap alemão, paqueras e muito alarde para os nossos ouvidos.

Figuras 20 e 21. Vista do Prellerhaus a partir da rua da Bauhaus e vista interna do nosso segundo estúdio, a meio-pavimento do térreo.



Fonte: Acervo dos alunos do programa COOP Design Research 2014.

Figura 22. Vista da face leste da Bauhaus. Prellerhaus à esquerda e janelas do nosso estúdio à direita, próximas à rua interna.



Fonte: Acervo dos alunos do programa COOP Design Research 2014.

Afora as vivências conjuntas, a minha experiência pessoal foi de uma intensidade tremenda com a Bauhaus, com a cidade de Dessau, e com as pessoas que conheci. Comecei a trabalhar como garçomete no bistrô da Bauhaus no final de outubro de 2014, onde praticava a língua alemã e pude constatar que a maioria dos visitantes

provém daquele país. Em maio de 2015, sofri um acidente de bicicleta. Fui submetida a uma cirurgia e não pude andar por um mês e meio. O coordenador do curso, ligado à universidade Anhalt, conseguiu um apartamento no campus e seu assistente disponibilizou uma cadeira de rodas. Dessa maneira, conheci o lugar e lidei com as pessoas a partir de uma nova perspectiva. Subia, semanalmente, pelo elevador de cargas do edifício até o terceiro andar, e dependia sempre de um colega e de algum funcionário que tivesse uma chave especial para fazer a máquina funcionar. Passei a entrar e sair pela porta de serviço, ponto de encontro dos funcionários e amigos fumantes. Fazia fisioterapia a duas quadras do estúdio e ensaiei meus primeiros passos ao ar livre na rua da Bauhaus, entre o teatro, a sala de Gropius e o nosso estúdio subterrâneo. Quando estava apta para caminhar sem muletas, à época da entrega dos nossos trabalhos finais, um ex-professor pediu para que eu buscasse dois professores brasileiros do Centro Universitário Senac, de São Paulo, no aeroporto de uma cidade próxima. Tive o prazer de assistir e acompanhar os pesquisadores Myrna Nascimento e Ricardo Silva durante o período em que estiveram pela primeira vez em Dessau a explorar a cidade e o legado da antiga escola. Compartilhamos, inclusive, a experiência inédita de participar da anual Bauhausfest, espalhando música, arte, e luzes azuis por toda a parte, em homenagem ao consagrado professor Wassily Kandinsky.

Figuras 23 e 24. Bauhaus durante a Bauhausfest 2015.



Fonte: Acervo dos alunos do programa COOP Design Research 2014.

Figura 25. Bauhausfest na praça da prefeitura de Dessau.



Fonte: Acervo dos alunos do programa COOP Design Research 2014.

O primeiro ano do *COOP Design Research* foi uma grande aventura: repleta de desafios e recompensadoras surpresas. Ao mesmo tempo em que ampliamos os nossos horizontes acadêmicos e fizemos o programa acontecer, tivemos a sorte de sermos quem éramos e a oportunidade de vivenciarmos aquele emblemático espaço arquitetônico em todas as suas dimensões. O curso certamente necessita de ajustes importantes para que siga melhorando a cada ano e sustente a volta tão aclamada do edifício como local de formação profissional. Cada minuto do ano inaugural valeu a pena, com todos os seus erros e acertos. Para mim, que estava há muitos anos afastada dos estudos, foi muito especial voltar a estudar na Alemanha como integrante de um programa de pós-graduação envolvendo parcerias institucionais tão interessantes, em um ambiente multicultural e multidisciplinar tão dinâmico. A nova geração não veio para retomar o projeto de Gropius e fazer uma revolução educacional, mas sim para ocupar seus espaços em branco e comunicar novos significados. Ela veio para dar vida ao museu.

Figura 26. Nosso grupo, logo após a conclusão das defesas, com as duas professoras da universidade Humboldt de Berlim. Terraço da cantina da Bauhaus, face sul do prédio.



Fonte: Acervo dos alunos do programa COOP Design Research 2014.